

# Vida Alentejana

SEMANARIO AGRICOLA // PECUARIO // TURISTICO DE COSTAS

Editor: ANTONIO BELEZA

Propriedade da Empresa em organização: ALENTEJANA-EDITORA

DIRECTOR

PEDRO MURALHA

Redacção, Administração e Oficinas:

R. DA ROSA, 105—Telef. 2 1622—LISBOA

## Praia Alentejana

O concelho de Odemira que é, não só do Alentejo, mas, de todo o país, o maior em área, e que tudo produz desde as mais mimosas frutas à cortiça de melhor qualidade, tem ainda o privilégio de ser o único da vasta província transtagana banhado pelas ondas do mar. Vila Nova de Milfontes bonita vilasinha na foz do rio Mira é o único porto de mar do Alentejo e dista da séde do concelho 3 léguas por caminho de terra, pelo rio Mira alcança-a um gazolina em 2 horas. E' o único porto de mar alentejano e é verdadeiramente uma joia por lapidar.

Como natureza é superior à melhor praia do Algarve — a Rocha — porque tem mais variedade de aspectos e é muito mais vasta. Falta-lhe, sim, os atractivos da civilização, a obra do homem. E' um diamante em bruto que precisa ser trabalhado e, para isso convém torná-lo conhecido.

Melhor do que as nossas palavras as fotografias juntas o mostrarão, mas, entretanto, sempre diremos: — Os areais à beira-mar e o sol, que a gente lisboeta e norte-alentejana tanto aprecia na Costa da Caparica, encontramos também em Milfontes, com a vantagem de haver rochas e furnas, o que essa praia não tem. Em Milfontes a aridez do areal é assim amenizada. Contudo, quem quiser só areia e sol passa o rio Mira em poucos minutos e tem na praia do Cadoz um extenso areal, magnifico para tomar banho e, como a Caparica, voltado ao poente, com sol desde que nasce até que se põe. Andando um pouco mais tem as furnas, onde pode tomar banhos batidos e, onde pode dispensar a barraca, porque as extensas galerias abertas na rocha negra são verdadeiras casas exóticas, belas e mais higiénicas e frescas que as barracas fechadas. São atapetadas de

areia branquinha e lavadas pela maré que as perfuma. Para as pessoas mais fracas há junto à vila a praia da Franquia voltada ao sul, abrigada dos ventos pelo castelo, pelos médos de areia e massiços de plantas. Ai,



Praia da Zambuieira

pode estender-se ao sol vendo o movimento do rio, os barcos que entram e saem a barra e do outro lado as ondas a quebrarem suas furias de encontro aos rochedos.

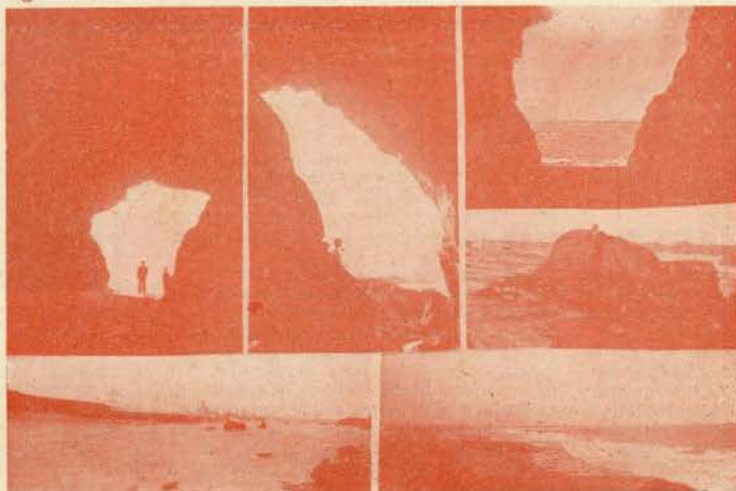
Quem preferir fazer alpinismo pode entreter-se a subir os enormes médos de areia movediça que separam a Franquia da Costa, ou, passa a Rocha dos Pretos e sobe ao Fa-

rolim, de onde a nossa vista abrange um belo panorama de mar, areal, serra, e a vila com seu velho castelo em frente à barra. Descendo para o lado do mar tem a Costa, praias ora de areia, ora de rochas, voltadas ao sul e poente, numa extensão de dois ou três quilómetros. Ai se lhe apresentam rochas baixas por onde pode andar facilmente, algumas lindas de areia petrificada e cobertas de vez em quando por um véu de espuma, piscinas de diversos feitios onde se pode entreter a apanhar mariscos se acaso aprecia esse desporto ou a natureza em todas as suas curiosas manifestações.

O marisco das rochas abunda na costa alentejana, bem como a-lagosta que de lá é trazida todos os anos durante três meses para os mercados de Lisboa. As ostras também abundam no rio Mira e estão consideradas de primeira qualidade.

Em frente à vila de Milfontes do outro lado do rio, há também um lindo sítio, muito selvático, denominado *Bosque*, mata fechada à beira-rio que mesmo neste tempo tem o chão coberto por um tapete de relva, dado pela natureza visto que a mão do homem quasi que não lhe toca. Milfontes tem ainda mais praias como a Pedrinha, o Canal, etc., onde se pode admirar curiosos pedregulhos alguns com desenhos verdadeiramente artisticos feitos pela Natureza.

No concelho de Odemira estão ainda a praia do lugar de Almogrove, freguesia de Santa Maria de Odemira, onde vemos extensos areais, a praia da Zambuieira pequenina mas com lindas rochas, e o farol do Cavaleiro, no Cabo Sardão, que é igual ao do Cabo de São Vicente e se ergue sobre as ribas cortadas a pique sobre o mar.



Um trecho das praias de Milfontes

ANDORINHA

## FALAM OS PRÁTICOS

40 SEMENTES  
EM TERRAS FRACAS

Francisco Romão Tenório

O sr. Francisco Romão Tenório é um dos mais abastados lavradores do Concelho de Arronches. Homem duma modestia extrema, êle cuja universidade que frequentou foram as herdades de seu pai, tendo como carteira escolar a terra agreste, a terra productora que tantas e tantas vezes êle cobriu de semente, ou lhe fez rasgar as entranhas com o gume do arado, o sr. Romão Tenório, repetimos, bateu êste ano, talvez em todo o distrito, o *record* na produção de trigo pois tirou uma média de 40 sementes, produção que seria normal se fôsse nos barros de Beja mas que é muito difficil em terras com pouco umes como são estas que lhe pertencem.

Foi êsse successo agrícola que nos levou a pedir a êste nosso amigo que nos respondesse a algumas perguntas, o que êle fez pronta e gostosamente.

— Diga-me meu amigo: porque razões conseguiu não boa produção?

— E' uma pergunta a que me vejo embaraçado para lhe responder visto não me julgar com mais conhecimentos do que os meus colegas. Creia que não sei bem o motivo porque tenho obtido produções favoráveis.

— Mas explique-me como orienta a sua agricultura?

— As terras de trigo obedecem a uma cultura intensiva, ou tem-nas muitos anos em pousio?

— Compreende que as terras da nossa região, não são como as do Baixo Alentejo. Aqui as nossas terras, para a cultura do trigo tem que se lhes dar um descanso nunca inferior a 5 anos que em pousio só servem para fornecer pastagem para gados.

«Quando vejo que a terra está em condições de produzir, aí pelos meses de Fevereiro e Março faço o alqueive com as charruas usadas na região. Passados tempos essa terra é submetida a uma grade de dentes para desfazer as leivas feitas pela charrua quando é alqueivada. A seguir a essa gradagem e até meados de Maio, costume empregar o segundo ferro ou seja o atalho, atravessando êste o ferro do alqueive, para assim a terra ficar completamente cortada e revolvida.

Claro que procuro sempre as oportunidades para proceder a êsses serviços.

«Procuro sempre fazer uma lavoura encostada.

— E o que entende por lavoura encostada?

— Explica-se a lavoura encostada o meter à charrua apenas a terra que ella pode voltar, de maneira a não ficar a terra crua como vulgarmente se diz.

«A terra fica assim exposta aos rigores do calor até fins de Setembro, ou seja até às primeiras chuvas. Depois, a terra é sacrificada ao terceiro ferro a que chamamos a *revolta*. Depois segunda gradagem para desfazer alguns torrões, e ainda para que a distribuição tanto do adubo como da semente fiquem mais regularmente distribuidos.

— A semente que emprega é seleccionada?

— E' seleccionada com o crivo *marol* aproveitando para isso o trigo cujos grãos sejam mais grados.

— E que quantidade costuma lançar à terra por hectar?

— Os meus colegas costumam deitar à terra uns 100 litros por hectar, outros 105 e há quem deite 110 e 115, ao passo que eu deito pouco mais ou menos 90 litros e quando menos.

— Que utilidade vê nessa economia de sementes?

— A utilidade que lhe vejo é ficar no celeiro com mais trigo, e aquele que deito à terra tem mais facilidade na sua germinação assim como no seu desenvolvimento afillando melhor, e levando-o a brotar uma espiga com maiores dimensões e consequentemente produzindo mais trigo.

— Que trigo emprega nas suas culturas?

— O trigo que emprego há muitos anos nas minhas culturas é um trigo conhecido aqui pelo nome de *Coruche rapado*, de espiga branca e comprida, trigo êste que adquirir já alguns anos em Lisboa, e que nestas terras se adapta admiravelmente. Tanto assim que, julgo, 80% das sementeiras nesta região é do trigo referido.

— Quanto aos adubos que emprega?

— Apenas empreguei muitos anos o superfosfato de 12%, obtendo com êste já uma produção muito regular. Nos últimos 2 anos porém, tenho empregado o n.º 16 fornecido pela Sapec com ótimos resultados.

— E que quantidade de adubo emprega por hectar?

— Geralmente distribuo 300 a 350 quilos por hectar. E não deito mais por me parecer que a terra não deve levar adubo demasiado para não ser prejudicial à sua produção. O adubo demasiado só pode beneficiar o trigo no seu desenvolvimento, prejudicando-o na grada.

— E sôbre o regimem das ceifas?

— E' êsse um grande factor para que se chegue a uma recolha interessante. Não concordo com o regimem das empreitadas, porque as ceifas são feitas muito precipitadamente, deixando na terra muito trigo. Sei de um amigo que deu a seara de empreitada e esta foi feita de forma a que numa minuciosa apanha de espigas que não foram ceifadas conseguui ainda alguns moios. Muitas vezes nas ceifas de empreitada perdem-se 3 a 4 sementes.

— Resumindo...

— Resumindo direi que procuro sempre sear pouco para colher muito.

## Um grande exemplo

Comovente manifestação foi aquela a que assistimos no dia 17 em Arronches. Comemorava-se ali mais um aniversário da fundação do seu albergue para velhinhos, e a respectiva comissão incluiu no programa das festas o descerramento de uma lápide com o nome do Largo de Francisco da Silva Telo Rasquilha, o maior benemérito do Albergue e nosso saudoso amigo.

Quando os oradores lhe enalteciam as virtudes vimos muitos filhos do povo com os olhos marejados de lágrimas.

Como representante da familia do morto querido, falou seu filho Francisco que comovidamente agradeceu as homenagens prestadas a seu pai e salientou a nobreza dos filhos da ordeira e trabalhadora vila de Arronches.

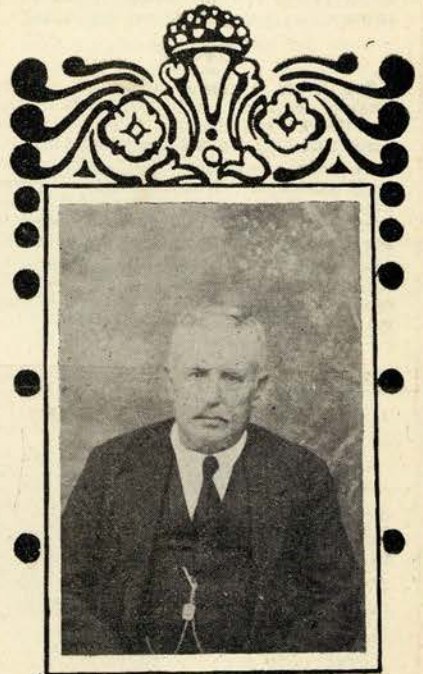
\* \* \*

O albergue iniciou os seus serviços em 17 de setembro de 1923 com seis albergados e sustenta actualmente 23

A ideia da sua fundação partiu da Camara Municipal de Arronches que nesse ano geria os negócios do municipio, a qual foi entusiasticamente apoiada por todos os arronchenses e em especial pelo saudoso cidadão Francisco da Silva Telo Rasquilha, que durante toda a sua vida lhe prestou o seu valioso auxilio moral e material e presidiu à sua direcção.

O Albergue tem vivido do auxilio particular e ainda de um subsidio annual de 2.200\$00 que sempre lhe tem sido concedido pelo Municipio. Ultimamente também tem sido do Estado e da Junta Geral que juntos aos subsidios de origem particular sustentam o Albergue.

A actual direcção é composta dos srs. Joa-



Francisco da Silva Telo Rasquilha

quim Maria Palmeiro, Virgínio Augusto Lopes, Manuel Francisco Campos e Antonio Pereira Marouço.

Embora, até agora o albergue tenha podido satisfazer uma boa parte de pedidos de invalidos do trabalho que necessitam de serem internados é doloroso constatar que a sua capacidade de alojamentos e recursor estão muito longe de poderem corresponder ás crescentes necessidades locais.

## A Antiguidade Alentejana

### A Ibérica

Quando o centro do Mundo civilizado era o recanto oriental do mediterrâneo, Portugal não tinha ainda este nome, nem mesmo Lusitania se chamava. Ao norte do Tejo era *Ofiusa*, que os grêgos traduziam por «Terra das Serpentes» dizendo que uma invasão de serpentes afugentara daí o povo dos oestrimnios. Na foz do Tejo havia um povo de navegadores, arrojados que em suas barcas de peles (não construíam barcas de madeira) percorriam o estuário, e as aguas revoltas do mar Oestrimnio, nome por que era conhecido aquele mar que hoje banha a costa portuguesa. O litoral entre o Tejo e o que é hoje o cabo de São Vicente era ocupado pelo povo dos cúneos ou cinetes, e a mesopotamia compreendida entre o Tejo e o Guadiana, hoje chamada Alentejo, era, neste sexto século antes de Cristo, denominada a *Ibérica* —; a primeira Ibérica da Península, pois que a segunda havia de ser um dia no que é hoje o território da Catalunha.

### A Céltica

Vieram os celtas, do sul, e invadiram a Ibérica primitiva. Avançaram mesmo até ao Douro. Mas ao norte deste rio mostrava-se já inquieto o que um dia havia de ser o povo lusitano. Este povo avançou para o sul, e a onda céltica refluiu até se restringir à Ibérica (Alentejo), que então se ficou chamando a *Céltica*.

Já no tempo de Viriato se preparavam os lusitanos para invadir a Celtica, a quando, desembarcados nos portos da Andaluzia, apareciam os romanos. Lusitanos e Celtas deram-se as mãos, Viriato casa com a filha do rei de Évora, o rico Astolpas, e por esta forma foi o Alentejo englobado na Lusitania.

### Évora

Era Évora a capital da Céltica, e foi-o ainda na reação do Sertório contra os romanos. Évora é a capital natural do Alentejo. Sendo este formado por três grandes bacias hidrográficas; — a do Tejo, a do Sado e a do Guadiana, os rebórdos destas três grandes bacias são três grandes cumeadas que se encontram num ponto — Évora. Esta é o ponto do cruzamento das cumeadas reais alentejanas. O seu nome vai buscar-se a *ábila* que na linguagem líbica, ou ibérica, queria significar «alto monte»; (*Ábila* — *Ébila* — *Ébra* — *Ébora*).

MARIO SAA

## Ecoss e Noticias

*Carreiras entre Ponte de Sor e Aviz.* — A Empresa Murta, de Portalegre, começa no proximo dia 1 com as suas carreiras diárias, de manhã e tarde, entre Ponte de Sor, Galveias e Aviz. E' tenção dessa Empresa estender essas carreiras até Sousel, passando por Ervedal.

*Separatas do Album Alentejano.* — São os seguintes os concelhos e freguesias que já mandaram fazer separatas do *Album Alentejano*: Arronches, Coudelaria de Alter do Chão, Hidro-Eléctrica do Alto Alentejo, Campo Maior, Castelo de Vide, Cabeço de Vide, Marvão, Niza, Ponte de Sor, Portalegre e Sousel.

Estão estudando o assunto as Camaras de Elvas e Fronteira.

## Aviador Brito Pais

Vai promover-se o dia do Aviador alentejano

Não está posta de parte a ideia de levantar em Vila Nova de Milfontes um padrão comemorativo ao raiz Milfontes-Macau em homenagem ao comandante desse *raid* nosso saudoso comprovinciano Brito Pais.

A Comissão é composta pelos Ex.<sup>mos</sup> Srs. D. José de Patrocínio Bispo de Beja, Brigadeiro Silveira de Castro director da aeronautica militar, coronel Cifka Duarte, Ce-ar de Miranda



presidente da Camara Municipal de Odemira; Antonio Mantas, por Vila Nova de Milfontes, Pedro Muralha pelo *Album Alentejano* e *Vida Alentejana*, e um delegado do Gremio Alentejano.

Nas cidades e vilas principais do Alentejo, vão ser nomeadas sub-comissões, estando a de Elvas já organizada pelos 3 comandantes das divisões ali aquarteladas, sob a presidencia do governador Militar daquela praça sr. Coronel Passos e Sousa.

E' possível que ainda este ano se organise por todo o Alentejo, o dia do aviador alentejano.

## Sindicatos agricolas em organisação

Foi feita a escritura respectiva do Sindicato agricola de Monforte tendo sido seus fundadores os seguintes Srs.: Dr. Pires de Andrade, Fernandes Pereira de Moura, Antonio Fernandes de Moura, Carlos Firmino da Costa Pinto, Benito Romão Tenorio, André Guilherme Barradas, Francisco Barradas, João de Oliveira Moura, Antonio Rodrigues Serrano, Dr. Arsenio Jardim, João Lourenço Semedo e João Lucio de Oliveira.

Em Arronches, assim como em Marvão, tambem vão ser organizados os Sindicatos, assim como as respectivas Caixas de Credito agricola.

## Como foi recebida a «Vida Alentejana» pelos Diarios de Lisboa

Diario de Noticias

Sob a direcção do sr. Pedro Muralha, começou a publicar-se um interessante semanário intitulado «Vida Alentejana». Abrange assuntos literários, agricolas, pecuarios e turisticos, com profusão de illustrações. Longa e prospera vida lhe desejamos.

Seculo

Começou a publicar-se, em Lisboa, sob a direcção do sr. Pedro Muralha, o semanário «Vida Alentejana», que trata de assuntos agricolas, pecuarios e turisticos de cotações e se apresenta com interessante colaboração e cuidado aspecto grafico.

Diario de Lisboa

Saiu mais um numero da interessante revista «Vida Alentejana», com vasta colaboração e excelentes gravuras. Ocupa-se de alguns dos problemas que mais interessam áquella provincia.

A Voz

Sob a direcção do sr. Pedro Muralha, acaba de sair o 1.<sup>o</sup> numero do nosso semanario, que tem por titulo «Vida Alentejana» consagrado a assuntos agricolas, pecuarios e turisticos.

Esta publicação destina-se principalmente, como o seu titulo indica, a defender e ventilar questões que interessam a provincia do Alentejo.

Desejamos-lhe longas prosperidades.

Republica

Iniciou a sua publicação o interessante semanário agricola e pecuário, *Vida Alentejana*, dirigido pelo antigo jornalista sr. Pedro Muralha.

*Vida Alentejana*, que se apresenta com um magnifico aspecto grafico e excelente colaboração, propõe-se «defender o Alentejo dos dislates dos detractores, propagar as suas belezas, defender os lavradores das garras dos especuladores e dar-lhe, por intermédio de pessoas especializadas, conhecimentos úteis».

Desejamo-lhes longa vida.

Democracia do Sul, Évora

Acaba de sair o n.<sup>o</sup> 1 da *Vida Alentejana*, semanário agricola, pecuário, turistico e de cotações sob a direcção do sr. Pedro Muralha.

*Vida Alentejana* insere nas suas 8 páginas muitas noticias, de interesse para a região, e é illustrada em quasi todas elas. As páginas centrais são dedicadas á grande obra da Hidro-Eléctrica Alto Alentejo.

Agradecemos a visita e desejamos-lhe longa vida.



Tipo do distrito d'Evora

A indumentaria alentejana é o que temos de mais típico no país. A gente rural do alentejo mormente no baixo e no centro desta provincia, conservam ainda a mesma edumentaria que os seus antepassados usaram através dos seculos.

Se os lusitanos procuraram nas peles resguardo e defesa das inclemencias dos frios e dos calôres os alentejanos ruraes servem-se ainda de peles para tal defesa.

No Baixo Alentejo só no chapéu tem havido transformação. ainda ha 40 anos se viam os trabalhadores ruraes vestidos de pelico, safões e de chapéus grosseiros com uma enorme borla. Presentemente poucos se vêem desses chapéus. Foram substituidos por chapéus de cópa alta, ába direita, conhecidos por *mazantinos*.

Mas o pelico que os defende dos frios e das *calmas*, esse é que é inseparavel.

As mulheres é que têm progredido um pouco na sua edumentaria. Antigamente, era interessante vêr-se uma rapariga do campo de saia curta, bota de atanado sobre uma meia de algodão que ela propria fazia. Hoje as raparigas já usam, muitas, as meias de seda, meias de compra, quando vão á cidade.



Ceifeira do concelho de Alter do Chão

as de Portalegre que nada se lhe vê a não ser uma viminha pelas ruas toda coberta de negro.

Mas a raça alguma raça com características bem provincia que confina com a Estremadura e Beira Baixa, não só a sua indumentaria diferente dessas provincias, mas os seus costumes, o seu dialecto, e até a mania é bem diferente. É uma raça muito amiga do seu torrão, não dando outras provincias percentagem de impura a emigração, como por exemplo o Alentejo despovoou em busca do ouro da América.

Um outro detalhe da cultura do alentejano e que o distingue do resto dos portugueses é o que diz respeito ás canções. No Alentejo existem regiões que tem a intuição musical.

Jámais esperam um côro de vozes incultas como foi onde que passamos em Aldeia Nova de Serto de Serpa. Seriam



Tipo do concelho de Odemira

uns 10 homens que entoavam dentro d'uma adega uma canção regional que nos deliciou. Depois, esse grupo saiu para a rua. Andou sempre entoando a sua canção dolente, uns 20 passos. Parou. Formou circulo, e como se fosse musica do céu, com uma harmonia que fazia entusiasmar qualquer maestro, ali esteve esse grupo, cantando a 3 vozes, sem noção alguma da técnica musical, mas formando um conjunto harmonico que seria apreciado em qualquer parte do mundo, ou nos mais exigentes centros musicais. É esta a música virgem aquela que nos é transmitida por gargantas transmissoras de vozes que nunca foram cultivadas, mas que instinctivamente tornam melodias que tocam a sensibilidade artistica de quem as ouve.

A melodia das canções do Alto Alentejo fáz-nos lembrar as canções orientais. E só no Alentejo nós podemos ouvir essas lindas canções.

O Alentejo, é pois, sob todos os aspectos uma região que bastante prende a atenção dos artistas, e onde a sua sensibilidade é constantemente ferida por tudo que os rodeia.



Velho pastor alentejano

# ALENTEJANOS

## TIPOS E FACTOS

No Alto Alentejo, é interessante ver-se as ceifeiras, com as saias em forma de calças, chapéus de feltro sobre os lenços de grandes ramagens etc.

Os tipos das mulheres do Alto Alentejo, mormente Alter do Chão Cabeço de Vide, Crato e Castelo de Vide é muito interessante.

É vélas de bilhas á cabeça a caminho da fonte. As mulheres de Niza então, têm um tipo muito especial, muito regional. Elas são elegantes como nenhuma; tipos de beleza cigana, sabendo colocar sobre a cabeça o chaile, com o mesmo garbo com que uma autentica parisiense põe o chapéu. Mas no Alto Alentejo ainda encontramos nos trajos populares muitos vestígios dos mouros.

Não é raro encontrar-se nas ruas de Portalegre as chamadas *côcas*. Esta indumentaria tem atravessado muitos séculos. As *côcas* de Alter, ou de Castelo de Vide já descobrem um pouco o rosto mas

Mas se a indumentaria alentejana difere muito do sul para o norte. Se a mulher rural de Ourique veste muito diferentemente da mulher de Alpalhão, uma indumentaria porem se usa que é comum a todos os pontos do Alentejo. Essa indumentaria tanto a usa o habitante que desde as margens do rio que separa o Alentejo da Beira, até ás margens do Atlântico em Vila Nova de Mil Fontes; desde a Serra de S. Mamede que separa Portugal de Espanha, até á Serra do Caldeirão que confina com o Algarve, ao sul alentejano. É o capote á cavalaria que Lisboa pretendeu ha anos conquistar mas que não o ponde conseguir porque esse capote só é elegante quando sobre os hombros alentejanos se vê no proprio Alentejo.

Quereis vêr um dos mais perfeitos exemplares de homem sob o ponto de vista de elegância? Convidai um alentejano a pôr um capote e a montar num bom cavalo. É porque já o definiu Alencar nos seus *Gauchos*. «O homem para ser completo deve ter o seu pedestal e este deve sêr nm bom cavalo».

PEDRO MURALHA



Tipo de Niza



Unidos na mocidade unidos na velhice



Côca



Ceifeiras de Cabeço de Vide



Côcas de Castelo de Vide

# A ROSEIRA

## Sua origem e sua importancia "ética e étnica"

Pelo Professor S. Deeker

I

A rosa tem uma história que é tão longa como a própria humanidade e brilhante como as civilizações a que tem emprestado a contribuição da sua beleza. Não pretendemos escrever histórico tão rico, mas enfeixar apenas nestas páginas de introdução uma síntese modesta e simples da sua importância ética e étnica, através dos séculos no desenvolvimento da espécie humana. Quem se propõe escrever sobre este assunto obriga-se a um encargo pesado, acima de nossas forças, qual seja o de versá-lo com beleza. Mas, pretendemos apenas justificar na presente as partes seguintes e dizer a razão desta monografia. Eis porque nos julgamos autorizados a proseguir no nosso intento, que é divulgar noções belas e úteis sobre a flôr que tem feito a glória de mais de uma civilização. A preocupação que tivemos de fidelidade histórica nesta breve introdução decerto nos desculpará de termos versado sem arte assunto que jamais dela prescindiria.

\* \* \*

A rosa não é somente a rainha das flôres.

O homem civilizado tem encontrado nela a sua mais fiel companheira, desde os mais remotos milênios, conforme o revelam as últimas descobertas feitas em Ur (Chaldéa), a «Cidade de Abraão». Esse brilhante achado arqueológico, de extraordinária importância histórica, veio ensinar-nos que a arte do Egito descende ou, pelo menos, recebeu profunda influência da arte chaldaica, que naquela época, já alcançara alto grau de perfeição. A mesma descoberta veio também explicar o porquê da ausência da rosa e dos seus símbolos nos túmulos e outros monumentos das dinastias mais antigas quer do Egito, quer da Babilônia e da Assíria. O aparecimento da rosa na arte egípcia, babilônica e assíria coincide naturalmente com o influxo civilizador pelas mesmas recebido de um povo de mais antiga e mais elevada cultura — os caldeus. Com a rosa a Chaldéa emprestara ao país do Nilo o símbolo maior de aperfei-

çoamento sentimental dos tempos de então, o culto da flôr, que atravessaria as idades, até aos nossos dias, conservando o mais merecido e duradouro reinado que conhecem os fastos da Humanidade.

Remontando o curso da História, vamos, pois, através das civilizações mais antigas, encontrar o berço da rosa no próprio berço da Humanidade — no planalto da Irania, o cavaleiro da Pérsia legendária, de onde palmilhou, para chegar até nós o caminho da própria luz: do Oriente para o Ocidente.

(Continua).

## Mercados e feiras proximas

Setembro e Outubro:

*Feiras:* — Dia 28, Ourique; 29, S. Teotónio e Souzel; 30, Santo António das Areias. Dia 7 de Outubro, Entradas.

*Mercados:* — Nos primeiros domingos em Beja e Cercal do Alentejo. Às 2.<sup>as</sup> feiras, em Elvas; 3.<sup>as</sup> feiras, Évora; 4.<sup>as</sup> feiras, Portalegre; sábados, Estremoz e Moura.

## Muito importante

*A Vida Alentejana não se vende avulso. É remetida para os seus assinantes, pois custa apenas 10 escudos por uma série de 10 números. As pessoas que lhe convierem mais o pagamento às séries de 5 números, muito agradecemos que nos comuniquem.*

## Olivença a Marvão

O nosso querido amigo, o olivenhino alentejano Ventura Abrantes acaba de ser honrado com o título de munícipe marvanense, efectuando-se em Marvão a 8 de Setembro uma grande festa onde lhe foi entregue o respectivo diploma.

Nessa altura Ventura Abrantes fez, na sala dos Paços do Concelho, uma interessantíssima conferência, autêntico hino à nacionalidade, que ele mais adora que é este nosso lindo Portugal, nação que é a sua única pátria apesar de ter nascido em Olivença.

## Falecimentos

Brito Camacho

A morte do alentejano Brito Camacho não enlutou apenas o Alentejo, mas todo o país. Brito Camacho teve grandes qualidades. Era extremamente honesto; foi mesmo um dos poucos que temos conhecido na política. Como jornalista podemos julgá-lo, sem favor o primeiro do seu tempo. Como escritor deixou as seguintes obras:

«Herança Móbida», «A Propaganda», «Dois crimes», «Impressões de viagem» (cartas a um jornalista), que define o fino observador e o paisagista de alma nostálgica que não podia fugir à evocação do seu rincão alentejano. A política empolgá-o e só em 1912 publicou «D. Carlos íntimo», em resposta ao livro «Carlos I.<sup>o</sup> íntimo», de Colleville. Seguiram-se então «Ao de leve», «Nas horas calmas», «Pretos e brancos», «Por aí fora», «Longe da vista», «Gente rústica», «Os amores de Latino Coelho», «A caminho de Africa», «Terras de Lendas», «Quadros alentejanos», «Jornadas», «Contos ligeiros», «Gente vária», «Contos e Sátiras», «Cenas da Vida», «Gente Boer», «Pó da estrada», «Lourdes», «A questão romana», «Por cerros e Vales», «Ferroadas», «A reacção», «A linda Emilia», «Moçambique», «De bom humor», «Matéria vaga», etc.

A seus irmãos renovamos aqui os nossos mais sentidos pêsames.

D. Maria Augusta Moura Serrão

Com 63 anos de idade faleceu em Odemira a Sr.<sup>a</sup> D. Maria Augusta Moura Serrão, sogra do nosso querido amigo Cesar de Miranda mui digno Presidente da Câmara Municipal de Odemira e nosso presado assinante a quem enviamos os pêsames bem sentidos e bem sinceros.

## AS CALORIAS

Dois fisiólogos americanos, Atwater e Bryant estabeleceram o seguinte quadro respeitante às calorias produzidas por diversos produtos de origem animal e vegetal.

Produto	N.º de calorias por 100 grammas
Carne de vaca . . . . .	180
Carne de vitela . . . . .	135
Carne de carneiro . . . . .	190
Carne de porco . . . . .	250
Ovos por (unidade) . . . . .	77
Manteiga . . . . .	770
Leite . . . . .	68
Queijo . . . . .	320
Pão . . . . .	263
Aletria . . . . .	365
Assucar . . . . .	400
Chocolate . . . . .	600
Ervilhas . . . . .	345
Legumes . . . . .	345
Batatas . . . . .	47
Vinho . . . . .	59

## Aos alentejanistas

A todas as pessoas a quem enviamos a «Vida Alentejana» e que não devolveram a mesma, vamos mandar com o n.º 4 os recibos da respectiva assinatura, afim de podermos saber as forças monetárias com que contamos a ver se lhe podemos introduzir melhoramentos, pelo menos na parte informadora. Afim, pois de não sofrerem interrupção na remessa do nosso jornalzinho e custar mais despesas pedimos a todos os nossos amigos que satisfaçam os seus recibos logo que lhes sejam apresentados.

A ADMINISTRAÇÃO.

# PAGINA ANUNCIADORA

## Dr. Rosado Baptista

**VACINA FIEDMANN**, para cura da tuberculose, das 11 às 16. Classes pobres, preço de Policlínica, às segundas e quintas, Av. Almirante Reis, 31, 1.º - Tel. N. 4363

## SULFÚRIA

ESTABELECIMENTO BALNEAR

### Cabeço de Vide

Estância de águas minero-medicinais (sulfo-alcálicas) de poderosa acção curativa nas dermatoses, reumatismo, calculos dos rins e bexiga, enterocolites muco-membranasas.

**Epoca balnear de 1 de Junho a 31 de setembro**

Director clinico:

**Dr. Alexandrino Lopes Russo**

A Junta de Freguezia de Cabeço de Vide, concessionária destas águas fornece todas as indicações.

## CLINICA MEDICA E DENTARIA

C. do Carmo, 25, s/I-D.  
Telefone 2 7146 - LISBOA

Doenças da boca e dentes - Cirurgia da especialidade - Clínica médica.  
Dentes artificiais colocados pelos modernos processos da técnica dentária, garantidos pelo consultorio, quanto á perfeição de execução, boa adaptação á boca e aptos para a mastigação.

## PATRICIOS

Inscreevi-vos na

«LUTUOSA NACIONAL»

(ASSOCIAÇÃO SOCORRO MUTUO)

Subsidios de **5, 10, 15**  
e **vinte mil escudos**

A mais solida garantia de sobrevivência

Peça hoje a sua inscrição

Entrada dos 18 aos 45 anos

Rua Victor Gordon, 31, 2.º

LISBOA

Telefone N. 5274

**J. J. d'Almeida**

Cereais, Azeites e Farinhas

Rua de S. Bento, 297 - Lisboa

## MIRANDA, LIMITADA

Moagem de cereais **ODEMIRA** Destaque de Arroz

Correspondente do Banco de Portugal e outros  
Representante da Tabaqueira, Atlantic e Fosforeira Portuguesa  
Negociante de mercearias, adubos e alfaias agricolas

SERVIÇO DE TRANSPORTES E GARAGISTA

OFICINA DE SERRALHARIA E CARPINTARIA  
SUCURSAL EM S. TEOTONIO

## Joaquim da Silva Brito Pais

Herdades do Monte Negro, Reguengo, Silveira, Rata e Amejoafra

Exploração Agrícola e Pecuária

ESPECIALIDADE EM QUEIJS E MEL

**Monte Negro - VALE DO SADO**

## JOSÉ JULIO BRITO PAIS FALCÃO

HERDADE DO MONTE VELHO

Exploração Agrícola e Pecuária

**Colos - ALENTEJO**

## BLANCO FIALHO

Creadores de bovinos e seleccionada raça alentejana  
Reprodutores para venda cuidadosamente escolhidos

**Porcos gordos, gado lanigero, caprino, cavalari e muiar**

PRODUTORES DE CORTIÇA E CEREAIS

*Exploração Agrícola e Pecuária* **BARRANCOS**

## Herdade Vale de Paredes

FRONTEIRA

Exploração Agrícola e Pecuária

**Trigos, cevadas e toda a especie de cereais**

LÂS E LATICÍNIOS

## João Manuel Palma

**SERPA**

Produtor e fabricante de azeites, pelos processos  
mais modernos

## Cotação dos produtos agrícolas

Designação	Lisboa	Evora Mercado	Portalegre Feira 15	Cuba Feira 1	Mourão Feira 14	Odemira Feira 15	Ourique
Aveia, 20 litros .....	6\$50	8\$00	8\$50	6\$50	6\$00	5\$50	7\$50
Centeio, 20 litros .....	9\$50	9\$50	14\$00	—	11\$00	11\$00	12\$00
Cevada, " " .....	11\$00	10\$00	12\$00	8\$50	8\$00	8\$00	10\$00
Fava, 20 litros .....	12\$50	15\$00	20\$00	13\$00	13\$00	15\$00	21\$00
Grão de bico, 20 litros .....	25\$00	25\$00	—	25\$00	25\$00	30\$00	44\$00
Lã } branca, 15 kilos .....	140\$00	140\$00	—	—	140\$00	90\$00	140\$00
} preta, " " .....	110\$00	110\$00	—	—	100\$00	70\$00	100\$00
Queijos } cabra, kilo .....	13\$00	9\$00	—	—	9\$00	—	—
} ovelha, kilo .....	14\$00	12\$00	—	—	10\$00	—	—
Azeite, 10 litros .....	55\$00	59\$00	60\$00	58\$00	57\$00	60\$00	60\$00
Cortiça, 15 quilos .....	—	—	—	—	—	—	18\$00
Vinho } branco, 500 litros .....	—	—	600\$00	—	—	—	—
} tinto, " " .....	—	—	300\$00	—	—	—	—
Carvão, 15 quilos .....	—	5\$40	6\$00	—	5\$00	4\$00	3\$00

## Cotação de gados

Designação	Mourão Feira 14	Ourique	Odemira Feira 15	Cuba Feira 1
Cavalo de sela .....	2 500\$00	—	—	2 000\$00
Pareilha de cavalos .....	4 000\$00	—	—	5 000\$00
Jumento .....	400\$000	—	—	300\$00
Pareilha de muares .....	8 000\$00	6 000\$00	—	8 000\$00
Junta de bois .....	4 000\$00	4 000\$00	4 000\$00	4 000\$00
» vacas .....	3 000\$00	2 500\$00	2 000\$00	2 500\$00
Vaca leiteira .....	2 000\$00	—	—	1 500\$00
Novilhos .....	1 700\$00	1 200\$00	2 000\$00	1 500\$00
Vitela de 6 mezes .....	500\$00	—	—	—
Carneiros .....	9\$00	100\$00	—	100\$00
Ovelhas .....	85\$00	60\$00	—	90\$00
Borregos .....	6\$00	—	—	—
Cabra leiteira .....	120\$00	—	100\$00	—
Cabrito .....	30\$00	—	—	—
Porco, em vivo .....	350\$00	6\$00	300\$00	300\$00

## Salários médios

Concelhos	Designação de trabalhos	SALÁRIOS				Observações
		Homens		Mulheres		
		A sêco	C/comida	A sêco	C/comida	
Mourão .....	Eiras .....	9\$00	5\$00	4\$00	2\$50	
Ourique .....	Debulha .....	10\$00	5\$00	—	—	
" .....	Carretos .....	8\$00	4\$00	—	—	
" .....	Tiragem de cortiça .....	12\$00	—	—	—	

## Carnes verdes e fumadas

Designação	Preços por quilograma			
	Portalegre	Lisboa	Mourão	Odemira
Cabra .....	3\$00	4\$30	—	—
Cabrito .....	5\$00	6\$00	—	—
Carneiro .....	4\$00	4\$90	—	—
Porco } com osso .....	7\$00	10\$00	7\$50	—
} sem osso .....	14\$00	14\$00	12\$00	7\$00
Vitela } com osso .....	4\$40	8\$00	—	—
} sem osso .....	10\$00	10\$00	—	—
Chouriço .....	14\$00	16\$00	16\$00	—
Farinheira .....	7\$00	8\$00	—	—
Morceia .....	6\$00	8\$00	12\$00	16\$00
Paio .....	20\$00	24\$00	20\$00	12\$00
Presunto .....	20\$00	15\$00	20\$00	18\$00
Toucinho .....	6\$00	8\$00	8\$00	7\$00
Banha de porco .....	6\$00	8\$00	8\$00	—